

Cultura emotiva e moralidade: sobre a amizade e suas vulnerabilidades

Emotional culture and morality: about friendship and its vulnerabilities

Mauro Guilherme Pinheiro Koury¹

Artigo recebido em: 08 de outubro de 2017.

Artigo aprovado em: 10 de outubro de 2017.

Resumo: *Este ensaio tem como objetivo principal discutir a amizade nas sociedades complexas, no caso trabalhado, entre entrevistados das 26 capitais de estados brasileiros e do distrito federal, a partir das vulnerabilidades a que estão expostas as relações entre indivíduos que se dizem amigos, no cotidiano. Na análise das vulnerabilidades na relação entre amigos busco compreender o porquê de algumas chegarem ao fim. Em um primeiro momento, tento estabelecer uma relação aproximativa entre apaixonamento, amor e amizade, para discutir adiante as relações sociais e morais produzidas em um processo de amizade, e do amor entre amigos, e as vulnerabilidades que problematizam, complexificam e tensionam algumas relações e levam outras a um fim. A análise está recheada de comentários retirados de entrevistas dispersas, realizadas ao longo de vários anos (entre 1995 a 2015) em todas as capitais de estados brasileiros e do distrito federal, e que alegam a existência de amizades tão intensas que sentidas como eternas, ou desejadas que assim pareçam. Tento compreender o sobressalto de alguns entrevistados quando, tendo eles experimentado amizades longas, de repente, um dia, estes relacionais se estranham e tudo o que construíram juntos perde ou parece perder o sentido, e chega ao fim.*

Palavras-chave: *amizades, vulnerabilidade, cultura emotiva, moralidade.*

Abstract: *This essay aims to discuss friendship in complex societies, in the case worked, among respondents of the 26 Brazilian state capitals and the Federal District, through the vulnerabilities that relations between friends are exposed in daily life. Therefore, in the analysis of vulnerabilities in the relationship between friends aims to understand why some come to an end. At first, try to establish an approximate relationship between falling in love, love and friendship, to then discuss the social and moral relations produced in a process of friendship and love between friends, and vulnerabilities that discuss, complicate and tighten some relationships and lead others to a close. The analysis is full of comments taken from scattered interviews conducted over several years (1995-2015) in all state capitals and the Federal District, and who claim the existence of friendships so*

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. Coordenador dos Grupos de Pesquisa GREM Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções e GREI Grupo Interdisciplinar de Estudos em Imagem na mesma universidade. Editor das revistas RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção e Sociabilidades Urbanas. Revista de Antropologia e Sociologia, ambas, revistas do GREM. E-mail: maurokoury@gmail.com

intense that felt as eternal, or that so desired look. I try to understand the startle some interviewees when they having experienced long friendships, suddenly, one day, these relational if it strange and everything built together lost or seems to lose meaning, and comes to an end.

Key Words: *friendships, vulnerability, emotional culture, morality*

Este ensaio tem como objetivo principal discutir a questão da amizade no Brasil urbano contemporâneo sob um aspecto pouco desenvolvido da problemática na antropologia e nas ciências sociais no geral. Este aspecto diz respeito às vulnerabilidades a que estão expostas, no cotidiano, as relações entre indivíduos que se dizem amigos. A análise aqui realizada tem por base a noção de vulnerabilidade proposta por Goffman (2012) para a análise dos quadros da experiência social.

Na análise das vulnerabilidades na relação entre amigos busco compreender o porquê de algumas chegarem ao fim. Nessa direção, tento, na primeira parte do ensaio, estabelecer uma relação aproximativa entre apaixonamento, amor e amizade². Relação esta que me permitirá, na segunda parte da análise, discutir as relações sociais e morais produzidas no processo de amizade, assim como do amor entre amigos, e as vulnerabilidades que problematizam, complexificam e tensionam algumas destas relações e levam outras a um fim.

A análise está recheada de comentários retirados de entrevistas realizadas ao longo de vários anos, entre 1995 a 2015, nas vinte e sete capitais dos estados brasileiros, e que alegam a existência de amizades tão intensas que sentidas como eternas, ou desejadas que assim pareçam. Através destes breves recortes de falas busco identificar e compreender o sobressalto de alguns entrevistados quando, tendo experimentado amizades longas, de repente, “tudo o que construímos juntos se perdeu”³ ou parece ter perdido o sentido, e chega ao fim.

Neste ensaio, por fim, procuro entender esse se defrontar com o estranhamento, com a desconfiança e com o afastamento de parceiros que viveram ou vivem amizades longas no Brasil urbano contemporâneo. As dificuldades vividas na relação e o senti-

²Para uma discussão sobre a percepção do amor em diversas formas de sociabilidade, ver Lobato (2012).

³Entrevistado masculino, engenheiro mecânico, de 28 anos, na época da entrevista, residente em São Paulo capital, falando do fim de uma amizade de infância, com outro amigo da mesma idade.

mento de perda e culpa de não “ter feito nada”⁴, ou “não ter me esforçado o bastante para salvar” a relação. Ou o seu contrário, de relatos de mágoas em relação ao outro relacional, por este outro “ter colocado tudo a perder, apesar dos esforços que fiz”⁵, ou por viver “me acusando de coisas que não fiz”⁶, ou mesmo por ter se habituado a “viver me cobrando posições que ele mesmo não cumpria e que eu fechava os olhos para não magoá-lo e fazia de conta que entendia, ou que não via”⁷⁸.

1. Apaixonamento, amor e amizade

Na forma atual, contemporânea, a cultura emotiva experimentada pelos diversos entrevistados que vive em diversas capitais de estados no Brasil, a amizade tem início como um ato apaixonado e é uma expressão de amor⁹. Um amor não sexualizado, mas que também pode ter passado por um sentimento nesta direção e ter-se sublimado nas conformações de entrega que a interação conduzirá (Giannotti, 1993).

⁴Entrevistado masculino, já citado na nota 2 acima.

⁵Entrevistado, masculino, gerente de produção, de 44 anos, na época da entrevista, informando sobre os esforços feitos para a manutenção de uma longa amizade, em vão: o amigo, segundo ele, não deu ouvido e atenção aos seus esforços e foi atrás de “conversas de outros”, se afastando dele mais e mais, até o esgarçamento total do vínculo que os unia. Ainda hoje sente falta do amigo, mas sem volta possível pelo caminho que o outro seguiu.

⁶Entrevistada feminina, médica, de 24 anos, na época da entrevista, residente na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, relatando o sentimento de falência moral que acometeu sobre a amizade, e a sensação de perda que a acompanha até hoje.

⁷Entrevistado masculino, 23 anos, estudante de biologia, residente na cidade de João Pessoa, Paraíba, relatando as mágoas que levaram ao fim uma amizade de quase 18 anos, por causa da cobrança de posições e ações do outro em relação a si, e o sentimento de aprisionamento cotidiano de dar sempre satisfações de tudo o que passava na sua vida, e de justificações de tudo o que fazia, sem haver a mesma atitude do outro em relação a ele.

⁸Não será discutida, neste ensaio, a questão do ressentimento, apesar de adequada a várias narrativas em que este ensaio se baseia para a análise das mágoas produzidas e acalentadas no fim de amizades longas por alguns parceiros que as viveram. A importante questão do ressentimento nas amizades será objeto de um novo trabalho, onde será aprofundada de forma mais consistente.

⁹Como tenho asseverado em inúmeras entrevistas, artigos e ensaios acadêmicos sobre amizade entre brasileiros urbanos e habitantes de diversas capitais de estados no Brasil contemporâneo (Koury, 2014), nestes últimos 16 anos. Ver ainda o trabalho de Rezende (2002) para uma discussão sobre pessoa e sociedade, em uma análise comparativa sobre os significados da amizade entre brasileiros residentes na cidade do Rio de Janeiro, e entre ingleses, residentes em Londres; o trabalho de Lazaro (1997) para uma discussão do amor na modernidade. Para uma discussão sobre o mito do amor na modernidade, através da análise da peça Romeu e Julieta de Shakespeare, ver Bensaquen de Araújo e Viveiros de Castro (1977), que trabalham o mito do amor romântico, usando a oposição entre a ideologia holista e a ideologia individualista de Louis Dumont (1992), sobre a posição dos indivíduos em relação ao social para pensar o mito Romeu e Julieta como um ponto de inflexão em um período de transição entre dois sistemas ideológicos. Dentro de uma perspectiva mais relativista e no interior de uma micropolítica do amor, para a percepção do amor em diversas formas de sociabilidade, ver Lobato (2012). Ver também os trabalhos de Carneiro da Cunha (1986) e Oliveira (2008) para uma discussão sobre amizade formal e pessoa entre os Krahô e os Ramkokamekra.

Não resta dúvida, entretanto, que todo o processo de amizade na sociedade ocidental e brasileira, aqui de modo particular, implica em um ato de entrega ritualizado, onde o reconhecimento do outro e do mim na relação, - usando, aqui, uma expressão *meadiana* (Mead, 1934), - se dá e se conforma a cada movimento do próprio entregar-se, do abrir-se ao outro relacional. É nesse processo de sedimentação da cultura emotiva produtora do encontro e seu encantamento que as fronteiras morais começam a se estabelecer, isto é, os significados sobre o ser amigo e da amizade em si definem-se e o até onde se pode ir nesta ação aberta e iniciada de entrega.

Estas fronteiras morais dão margem a separações racionalizadas das esferas de amor entre indivíduos em relações sociais, indicando a questão das afinidades como o principal movimento de união entre amigos, e separando assim de outros tipos de amor entre casais, onde a questão das trocas sexuais se torna o elemento principal do envolvimento, ou do amor entre irmãos, entre filhos e pais e outras. Este ensaio, portanto, parte da pressuposição de que as afinidades estão presentes e movem todos e quaisquer tipos de amor envolvendo indivíduos sociais.

O movimento em direção ao outro é sempre impelido por curiosidades em relação a esse outro, por busca de complementaridade ou compartilhamento. Enfim, por afinidades existentes ou idealizadas nesse outro relacional. É esse processo de busca de socialidade, onde as relações sociais se aventuram e têm início que neste ensaio se denomina cultura emotiva. É após o encontro e os sentidos objetivados de continuidade da relação que as moralidades que vão se moldando nas relações se debatem com as fronteiras da moral social mais geral, criando situações específicas para cada caso e subdividindo o amor em diversas categorizações do possível e do até onde se pode ir neste encontro com o outro.

Daí as amizades serem objetivadas racionalmente, dentro do quadro moral social, como afinidades intelectuais, artísticas e outras, relegando outras esferas do amor a outros tipos de relações amorosas¹⁰. Até onde o outro e o eu mesmo podem se deixar entregar ou se abrir? Quais são os compartilhamentos perseguidos? Quais os que devem ser deixados subentendidos e quais os que nunca deverão acontecer? Estas

¹⁰Essa questão, embora importante, não será discutida neste ensaio.

são questões por que passam ou passarão a maior parte das amizades narradas pelos entrevistados aqui referidos na ação e no caminhar para a sua solidificação.

Mas, quanto mais se considera vencido esse processo pelos envolvidos na interação amiga, mais se sublima e subsume o desconforto do enquadre vulnerabilizando, a cada movimento de objetificação dos sentidos, as direções nas quais um processo de amizade moldado e erguido na experiência de um nós comum deve ser conduzido pelos parceiros neste jogo interacional. Surgem os estranhamentos, as sublimações, as superações que moldam o campo interacional e formalizam, mesmo sem a consciência plena desta vivência, os processos de classificação, as regras de conduta e ação, os espaços morais e de moralidades que diferenciam os parceiros em interação amiga de outros tipos de relações íntimas, como por exemplo, o amor sexualizado entre parceiros.

Os sentidos moldados no e através do enquadramento organizam, deste modo, os limites ou as estreitas fronteiras do espaço de negociação entre os parceiros. Sentidos estes que já se dão ou podem lançar suas bases desde o primeiro movimento de encontro, isto é, desde o momento da procura e do achar um outro possível para se estabelecer ou para que possa acontecer um encontro. Assim, há situações e contextos em que alguém sai à procura de um tipo específico de relação: uma parceira ou um parceiro para sexo; um parceiro ou uma parceira para uma conversa geral qualquer. Essa saída é dirigida e se desenvolve em ambientes delimitados, e neles o comportamento acontece como uma espécie, ou na forma, de desempenho esperado pelo e no lugar.

Nestas situações e contextos, o outro vai prevenido, munido e segue preparado para um tipo específico de parceiro ou parceira. Estes são locais públicos ou privados onde tudo pode acontecer dentro de determinados parâmetros. Parâmetros estes conhecidos por todos os que frequentam e procuram.

As negociações são previdentes, calculistas ou mercantis e as trocas ocasionais e passageiras. A vulnerabilidade¹¹ acontece exatamente quando se quebra esse enquadre e se requer do outro algo além do passageiro, negociado e/ou vivido, momentâneo. Este

¹¹Goffman (2012) ao analisar a importância do enquadramento na conformação de processos de sociabilidade e de constituição moral entre indivíduos em relação foca o papel da vulnerabilidade da experiência social nas trocas e constituições de vínculos entre pessoas, e estes vínculos em relação ao social mais geral. Fornece, assim, pistas metodológicas e teóricas preciosas e significativas para a análise das microrrelações e das relações entre as instâncias micro e macro, em uma sociabilidade específica.

jogo foge do que se pretende aqui, embora traga nuances interessantes para a análise da amizade, das individualidades envolvidas e do *quantum* de intimidade que pode ser trocado.

O que se quer expressar neste ensaio, porém, são os momentos de um apaixonar-se, são os momentos de um encontro, motivado ou movido por um olhar sem querer, momentâneo, que torna alguém curioso em relação a outro. Onde, cheio de pequenos e corriqueiros medos, alguém se aventura¹² no desejo de conhecer esse outro. Medos corriqueiros¹³ estes unidos a um espírito de aventura que o faz mover-se em direção ao outro só aumentam a ansiedade do encontro com este ser encantado e que o encanta.

Ser que sente como que o “encandeou em um lampejo”, como descreveu um entrevistado, e promoveu em si uma necessidade urgente de um reconhecimento, a partir de uma espécie de ilusão idealizada deste outro que se mostrou perfeito, que encarnava “tudo o que sonhei de alguém para mim”¹⁴. Em uma reunião, por exemplo, alguém vê alguém, observa esse observar alguém, se encanta com os seus gestos, sua candura, suas atitudes, seus argumentos, e então faz uma projeção de como seria bom aproximar-se, tecer com ele outros caminhos. Projeta neste outro, destarte, uma afinidade. Através dela, constrói formas de aproximação e o tenta seduzir com a venda de uma possível imagem que lhe seja favorável e que ele a compre e se deixe seduzir e, desta forma, que dê a possibilidade de uma construção de vínculos mais intensos.

Esses momentos de um apaixonamento possível, porém, são repletos de insegurança. Roland Barthes (1989) conota esse período como de um momento de incerteza, de angústia, de um nunca saber ao certo até onde o outro seduzido está de fato engajado no projeto de ser desse alguém.

Para o apaixonado, segundo Barthes, este outro desejado, ansiado, seduzido, porém, nunca está ou se encontra completamente ao alcance, sempre está além ou aquém da sua procura. Nenhum enquadre o delimita, o prende, mas, quando juntos, o tempo passa rápido demais.

¹² Sobre o espírito de aventura, e sobre o aventurar-se, ver Simmel (1988).

¹³ Sobre a importância do conceito de medos corriqueiros para a interação e configuração de uma sociabilidade, ver Koury (2002).

¹⁴ Entrevistada já citada na nota 5

Porque o tempo não para? Diz para si, grita alucinado o apaixonado no desejo ardente de reter esse ser amorificado em si, em suas regras amorosas ainda não de todo tornada em um *nós*. A paixão, assim, aparece como esse mundo fantástico, fora da realidade, vivido por parceiros, ou por um dos dois parceiros, em graus diferentes de enquadramento e vulnerabilidade, em um dado momento do encontro.

Mundo fantástico construído e vivenciado pelos agentes da paixão, ambos, ou um deles, ou um mais do que o outro, onde não cabe mais ninguém, só os vinculados no projeto da paixão. Como em Werther de Goethe (2006), que apaixonado descobre-se só, sem esperança, já que o outro o vê de forma diferente e o situa em uma classificação de amor distinta da que ele pensou e objetivou realizar, onde, dentro de uma proposta romântica comum a época do lançamento do romance, apenas lhe resta a morte. Morte como restauração e salvação do amor apaixonado por ele projetado e vivido intensamente, para além de si mesmo.

Alberoni (1991) afirma que esse movimento e os momentos de apaixonamento não podem permanecer para sempre. De acordo com ele, ninguém vive nessa roda viva completamente instituinte que é a paixão amorosa. Seja ela sexualizada, seja ela apenas um processo de amizade intensa.

O amor, a relação amorosa, assim, se faz em outro movimento temporal e espacial, a paixão, desta forma, podendo ser considerada como a fase liminar do amor, isto é instituinte e sentida como atemporal e fora do espaço (social), onde o cotidiano parece deixar de existir. A relação amorosa, portanto, diferentemente da paixão, é uma relação mais calma, é uma relação com fronteiras morais um pouco mais definidas pelos relacionais, com projetos e projeções mais sólidas, com normas e deveres e negociações sempre mais claras. Concomitante com esse movimento mais lento e mais calmo que ritma o amor diferentemente da paixão, porém, é também uma relação onde os envolvidos se amalgamam e se obscurecem nelas, mas estão sempre nela, com sentimentos individuais de ausculta e de vigilância, onde qualquer fagulha pode provocar um incêndio com graus incomensuráveis.

No amor, assim, se pode afirmar uma possibilidade de futuro, uma projeção de futuro, uma possibilidade de um tempo longo, onde as interações se dão em processos,

padrões e fronteiras morais construídas na relação entre os envolvidos. E de onde a possibilidade de um nós é possível sem que, contudo, os *eus* nela envolvidos se dissolvam.

Os *eus*, cada um dos parceiros da relação amorosa, estão lá presentes, sempre. Presentes e dispostos a cobrar do outro qualquer saída das regras, qualquer falha no interior do contrato que os une. Ou não, a existência de submissão e do sentimento de aprisionamento no amor é uma sensação constante nas relações duradouras.

A opressão do outro às possibilidades de manutenção do enquadre construído, as manobras possíveis para escapar dessa opressão, o sentimento de solidão do *eu* e do *mim* no *nós*, os segredos¹⁵ constituídos na experiência relacional como forma de sobrevivência individual e relacional com o outro amado, se constituem em vulnerabilidades na relação. Vulnerabilidades estas a que os parceiros em uma relação amorosa têm que enfrentar, no cotidiano, como forma de manutenção do jogo amoroso.

O amor é, assim, uma relação calma, mas, também, uma relação tensa, sempre, e repleta de ambiguidades, situações de embaraço e de vulnerabilidades. Uma relação onde cada pessoa presente advoga para si o direito do conjunto, de um *nós*, do mesmo modo que administra o outro da relação cobrando a sua eficácia e se sentindo vítima e vice-versa.

2. Vulnerabilidades na relação entre amigos

Como se pode observar na exposição até agora realizada, a amizade requer, igualmente, o sentimento de compreensão e de estar sempre predisposto ao entendimento e ao procurar viver o papel do outro, confiar nele e tentar entender os motivos de suas falhas, quando houver. Requer, de modo contínuo, o sentimento de humildade, isto é, de ir ao encontro do outro e de se mostrar disposto a conversar, a negociar e renegociar. Demanda, do mesmo modo, estar atento às injustiças cometidas ao e pelo outro.

Todavia, a amizade implica e impõe de modo concomitante um desejo e uma esperança de lealdade quase que total deste outro relacional¹⁶. Deste outro a quem acredita e acredita ter aberto o seu íntimo, o seu coração e com quem compartilha segredos. O

¹⁵Para uma análise do segredo e sua importância na vida social, ver Georg Simmel (1950).

¹⁶Sobre as armadilhas da lealdade, ver Simmel (2003, 2004).

que torna ambíguos os sentimentos e as trocas em qualquer rusga ou suspeição de um pelo outro.

Não obstante, o aceitar e compreender os erros do outro é um dom sempre renovado e a cada remissão, porém, algo fica na relação que incomoda o que cedeu, com a sua ação compreensiva, a falta do outro; ou naquele que justificou a sua falta para garantir uma continuidade da relação, através da compreensão do outro. Um jogo de apaziguamento, mas que permanece tenso e quente, como um vulcão adormecido que pode vir a explodir a qualquer momento. Momento esse que leva os interacionais a reviverem emoções tensas das remissões dados, das justificações e desculpas também ofertadas, havendo necessidade de novas negociações, novos perdões, nova remontagem dos vínculos.

A paixão na amizade, tanto quanto no amor sexualizado, é uma emoção avassaladora como já visto. As relações que a ela sobrevivem caminham para uma ponderação negociada entre as partes envolvidas e se tornam compromissos mais estáveis, com direito a promessas e futuros projetados.

Embora calmos, entretanto, a amizade e o amor - como amizade ou como sexualizado, - são sempre relações tensas, angustiadas, sofridas, contudo vividas como arremessos do eu no outro e vice-versa, apesar de desejados e projetados no íntimo e ou em juras como eternos. Ou tencionados como anseios, isto é, através de situações onde se deseja ser descoberto e descobrir o si próprio e o outro, e no outro relacional. Ou, ainda, experimentados e vividos como ambição, onde cada um dos relacionais se pensa como alma gêmea e deseja possuir o outro relacional como uma unidade, em um *nós idealizado* por cada um dos relacionais, em um enquadramento moral montado e manipulado pelos parceiros, que torna vulnerável o próprio *nós*, enquanto complementação dos *eus* nele envolvidos e nele projetados enquanto projetos de vida em comum.

Diante das considerações feitas até aqui, este ensaio tem como objetivo principal discutir a amizade sob um aspecto pouco desenvolvido da problemática na antropologia e nas ciências sociais no geral. Este aspecto diz respeito às vulnerabilidades a que estão expostas, no cotidiano, as relações entre indivíduos que se dizem amigos. Portanto, na análise das vulnerabilidades na relação entre amigos se busca compreender o porquê

de algumas amizades chegarem ao fim.

Em muitas conversas com indivíduos de ambos os sexos que tiveram ou ainda possuem uma experiência pessoal que consideram ou consideraram como intensa muitos relatam chocados, mesmo passados anos, a “morte” de uma relação considerada para ser eterna, em suas avaliações. Outros, que ainda vivenciam intensamente uma relação de amizade, relatam o seu medo de que elas venham a acabar. Relatam os “cuidados” cotidianos para a manutenção da relação e as “dificuldades” e “renúncias” que têm que fazer, e mesmo o “engolir sapos” e o “se segurar” em alguns momentos de crise para “salvar” o convívio, “às vezes difícil e confuso”, entre os parceiros da relação. Mas, apesar das dificuldades, têm para si, - pelo menos publicamente, ao relatar para um outro, no caso, o pesquisador, - a necessidade do ou dos amigos e da durabilidade da relação.

Utilizo, assim, alguns comentários retirados de entrevistas, ao longo de vários anos, que alegam a existência de amizades tão intensas que são sentidas como eternas, ou assim desejam que pareça. Os entrevistados falam da complementaridade entre os relacionais que vivem uma amizade e da magia que os une e os aproxima a cada momento: amizades, de acordo com muitos dos relatos, tão intensas e estreitas, de uma intimidade rica e complexa, onde tudo se partilha: de emoções, quase não confessadas para si mesmos, a intimidades e sonhos, objetos pessoais (roupas, livros, discos, a própria casa, o carro e outros), até projetos pessoais, familiares e profissionais, assim como informações sobre o mercado de trabalho, empregos, entre outras tantas matizes.

Tento compreender, além disso, e principalmente, aqui, o susto de alguns quando, tendo experimentado amizades longas, de repente, um dia, estes relacionais se estranham e tudo o que construíram juntos perde ou parece perder o sentido, tudo acaba, chega ao fim. “Por quê?” É a inquietação registrada de muitos que emitiram essa perda. Por que, perguntam eles, para si mesmos, em suas narrativas, sem respostas coerentes, muitas cheias de mágoas, as amizades acabaram apesar, segundo narrativas, “dos esforços que fiz para a sua manutenção e continuidade”. Por que, “se pareciam que iam durar para sempre”?

A possibilidade de compreender esta inquietação constante das narrativas de mui-

tos entrevistados, em suas angústias e dificuldade no relato de amizades que esmoreceram ou findaram, pode ser encetada pelo 'se' que sobressai a pergunta. O 'se' das expressões "se pareciam que iam durar para sempre" ou "se pareciam destinadas a serem eternas", já anuncia e advoga para o assunto a possibilidade de que a eternidade nada mais é do que uma projeção no interior de uma relação.

Desejo prospectivo no interior de uma interação entre duas ou mais pessoas. Ou ainda, das projeções individuais de uma pessoa em relação a uma possível ou desejada interação ou encontro com um outro ou outros específicos com quem mantém ou gostaria de manter contato, confiar e afirmar pertença.

A emergência da individualidade no capitalismo ampliou, de um lado, as margens de liberdade dos indivíduos e as perspectivas de ser senhor do seu próprio destino, do cuidar de si, do administrar o encontro com outro real ou imaginado. Por outro lado, entretanto, estabeleceu na interação uma relação de troca onde o outro da relação é visto não somente como alguém ideal para companhia e trocas emocionais do bem viver, mas também, e principalmente, como alguém que disputa consigo um lugar situacional em um contexto dado e específico.

As trocas entre parceiros, a partir de então, se veem invadidas por um aspecto sutil de tensão, e se observa conduzidas pela possibilidade de traição. A ação entre amigos, - onde a questão da confiança organiza a prática interativa e é base para a construção de uma amizade, assim como as promessas de lealdade, que conduzem os nexos onde os elos e os vínculos se montam em uma rede sólida de compartilhamento, - deste modo, se vê ambígua e enredada em uma complicada e elástica trama de segredos, acusações, desculpas e mágoas.

O outro idealizado, na vivência prática da relação, deste modo, torna-se complexo. E a relação um intrincado processo repleto de ambiguidades e pleno de ambivalências. Ao mesmo tempo em que o um conforma o outro em um objeto desejado, procurado, ansiado, buscado, sujeito de pertença, torna este outro também em alguém temido, sujeito de desconfiança, capaz de traição e atitudes mesquinhas (Simmel, 1939).

É por isso que entre os entrevistados, falar sobre o ciúme torna-se um lugar comum ao processo do viver uma amizade, reflexão estendida inclusive a todo sentimento

de amor e a toda paixão. Assim como, também, é comum à insegurança de uma traição possível.

A questão da traição nas relações sociais aqui trabalhadas envolve sempre a guarda do segredo que embala as relações entre parceiros. O que permite aos relacionais se abrir um ao outro, compartilhar intimidades, sonhos, deslizes e, enfim, segredos. A relação entre amigos comporta inclusive o esperar a compreensão do outro e uma “não cobrança sobre o que eu sou e sobre o que eu fiz, sobre o que planejo, e por aí segue, mas que, mesmo sem me cobrar me aconselha, me dá ouvidos e deixa que eu possa ser eu mesmo”, como narrou um entrevistado sobre o ser amigo para ele¹⁷.

A noção de segredo simmeliana (Simmel, 1950) dá assim a dimensão exata das conformações morais no interior de uma relação social nas sociedades complexas, no caso aqui, de uma relação entre amigos, como as vividas e comentadas pelos entrevistados. Permite entender como se organiza internamente os vínculos, as classificações, os limites, as hierarquias e o movimento dos parceiros em relação ao outro e aos de fora da relação; processos por onde as moralidades são configuradas cotidianamente na experiência da vivência dos vínculos entre os indivíduos, e de como se moldam as regras de conduta que orientam o agir entre eles e os acordos tácitos sobre os elementos de confiança e confiabilidade entre os parceiros.

A noção simmeliana de segredo, desta maneira, permite uma ação compreensiva em relação aos relacionais e suas disponibilidades para o outro da relação nas socialidades complexas do Brasil urbano contemporâneo. Permite compreender os modos como se conformam o um e o outro na amizade e as ideações de um “me deixar ser eu mesmo” na relação, embora “ele (o outro) possa me aconselhar, ele me entende e me deixa a vontade”, ou ainda no aspecto de que “com os meus amigos eu posso me abrir até para coisas inconfessáveis para mim mesmo, sem ter receio de suas reações”, ou seja, de não ter um julgamento de valor sobre o que é, ou acha que é.

O segredo em Simmel também permite a compreensão do processo de guarda e preservação das intimidades dos relacionais dos de fora da relação, bem como da constituição de um presente, passado e futuro que dão corporeidade à vivência entre os

¹⁷Entrevistado masculino, 43 anos na época da entrevista, professor universitário, residente na cidade de São Luís, Maranhão.

amigos e parceiros, assim como do processo de coerção e controle sobre a confiança exigida e a lealdade presumida entre os relacionais. O que transforma cada vivência relacional em um microcosmo organizacional que fortalece a relação, e a protege dos de fora, ao mesmo tempo em que cria um campo de vulnerabilidade na ação entre os parceiros amigos, na vigilância sobre o outro com que compartilha a mesma relação.

A ideia de posse, no caso, não tem a dimensão forte e mercantilista do meu, embora esta ideia esteja presente na maior parte das relações entre amigos nas narrativas dos entrevistados trabalhados, mas, se baseia principalmente na lealdade que um parceiro deve ao outro e ambos à relação em si. Por outro lado, no juízo feito sobre a amizade, diferente da existente no amor sexualizado, a ideia da posse do corpo do outro possa ser amenizada e, através dessa amenização, é possível averiguar diferenciações marcantes sobre a questão da traição entre os dois processos amorosos.

Um entrevistado informou, por exemplo, que durante muitos anos ele precisou de ajuda psicanalítica para separar com clareza os dois processos de amor, isto é, o amor entre homem e mulher e o amor entre amigos, já que o ciúme e a posse do outro relacional estavam presentes nas duas relações por ele vivenciadas e que o perturbavam e ajudava a enlear ambas as relações. Em forma de piada ele contava que teve que aprender que “nas amizades entre homens não tem sexo, diferente do amor entre homem e mulher”¹⁸. Daí o ciúme do outro, do amigo, se dar não por querer fazer sexo com ele, mas pelo e sobre o tempo disponibilizado por esse relacional com a esposa, ou o tempo que sua esposa requisitava dele em relação ao tempo por ele gasto com ou para o amigo.

O ser amigo, e os vínculos da amizade, portanto, entre e para os entrevistados, se torna uma ação e um processo recheados de vulnerabilidades (Goffman, 2012: 534-600), e de pequenas e grandes armadilhas que escapam do enquadramento social e moral da ação entre amigos. Ações vistas e sentidas, no desenrolar de todo o processo da amizade, como atos a serem desarmados no se ficar atento a cada situação não de todo detectada pelos que a viveram ou a produziram como experiência, isto é, entre o real nela explícito e os diversos fantasmas ou fantasias das interpretações possíveis entre os parceiros envolvidos.

¹⁸Entrevistado masculino, professor universitário, de 40 anos na época da entrevista, da região metropolitana da cidade de São Paulo, mas que residia há alguns anos na cidade de João Pessoa, Paraíba.

Entre as várias fontes de vulnerabilidade nas interações envolvendo duas ou mais pessoas, elencadas na análise goffmaniana, destaco aqui as que emergem em circunstâncias onde se pratica o que Goffman (2012: 545-550) chama de *informação reduzida*. Em um cenário como este, as comunicações são sempre cheias de lapsos e restrições e provocam *ruídos* que levam ao entendimento confuso ou a cobranças indevidas entre os relacionais, causando prejuízos à relação e às normas de conduta constituídas no decorrer da montagem do enquadramento social e moral em que se assenta a relação entre amigos. Como por exemplo, na fala de uma entrevistada¹⁹ que relata a dificuldade que vinha tendo no último ano (2011) de uma amizade que acabou, segundo ela “recentemente” ? “no ano de 2012”. As dificuldades giravam em torno de se fazer entender e ser entendida pela parceira. Segundo a narrativa da entrevistada, a decisão de dividir um apartamento com a amiga “de sempre”

“... minou pouco a pouco a nossa relação. No início pareceu legal: um apartamento bom, podíamos passar o tempo inteiro juntas, conversando, cozinhando, fazendo supermercado, lendo, saindo sem dar satisfação a mais ninguém... foi bom... Mas esse idílio foi embora logo, logo. Não sei nem direito como isso começou, mas às vezes ela se trancava no quarto e não queria conversar, dizia que estava com sono, ou com dor de cabeça, ou com problemas no trabalho. Eu tentava chegar junto, mas ela não deixava e dizia que era problemas dela. Às vezes ela atendia o telefone e saía correndo para o quarto ou o banheiro para que eu não pudesse escutar. Eu perguntava quem era, ela disfarçava e dizia ser do trabalho ou, depois, com cara de raiva, dizia que era de gente dela e não tinha que dar satisfação. Depois se arrependia e dizia quem era, mas aí eu já estava nervosa e dizia que pouco importava e me trancava eu meu quarto. ... E assim foi indo, aos poucos fomos deixando que os silêncios tomassem conta de nós... eu até agora quando lembro dessa época eu choro, desculpe... mas foi assim... quando a gente viu não tinha mais o que dizer uma a outra, só se falava para coisas práticas, e mesmo assim com quase uma briga, coisas de divisão de contas a pagar, de divisão de tarefas na casa, quando saíamos juntas cada qual com o seu celular a passar mensagens para outro qualquer, ou ver as novidades do face ou sei lá o que... E aí, eu já não aguentava mais e chamei ela para uma conversa, que iria sair da casa, ia voltar para a casa dos meus pais, que a vida estava uma merda, e que a vida da gente estava insuportável! ... Ela olhou pra mim e disse que era assim mesmo, que fui eu que tinha estragado tudo, que só queria cobrar dela e não deixava

¹⁹Entrevistada feminina, 25 anos, gerente de uma loja de cosméticos, residente na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, que detinha uma amizade de “deste a tenra infância” com uma vizinha de rua, que estudaram juntas na mesma escola e no mesmo colégio, entraram na faculdade administração de empresas juntas e trabalham no mesmo shopping só que em lojas diferentes, mas que tinham o hábito de almoçar juntas, e estarem juntas nos intervalos e uma esperar pela outra no final do expediente. Há um ano decidiram morar fora da casa dos pais, dividindo um apartamento no mesmo bairro do shopping em que trabalhavam. Foi nessa época que os ruídos e dificuldades começaram a ameaçar a relação entre as duas.

ela um segundo em paz!... Tomei um susto e depois disse isso e aquilo mais... saí naquele mesmo dia... Dias depois ela me procurou na loja que trabalho e me pediu desculpa, chorou e eu me fiz de durona e disse que a gente não tinha mais o que conversar... Ela foi embora, e eu fiquei com vontade de ir atrás dela e dizer que não era assim, mas não fui... e me culpo e me arrependo. Hoje não sei se teria de novo uma amizade assim... é uma relação inteira demais, boa enquanto durou, mas outra igual, não sei não..”

Uma segunda fonte de vulnerabilidade que Goffman (2012: 551-555) avoca, e que serve à análise aqui proposta, sobre os problemas do por que as amizades acabam, ou sobre as dificuldades vivenciadas para a conservação de uma relação amiga, se baseia nas circunstâncias de produção do que chama de *informação negociável*. No ambiente que dá margem a esse tipo de relação, em que se gera a informação negociável, ou onde se cria condições para o seu aparecimento ou emersão, o jogo relacional é montado como uma estratégia de poder, através da qual se requer dos parceiros uma lealdade extremada de proteção de um segredo por eles partilhado.

A vivência e a participação nesse cenário se dão através da promessa de seus membros de impedir e proteger o acesso à informação aos outros de fora do ambiente em que se realiza a relação. O que ocasiona, de acordo com Goffman (2012: 551), um ambiente relacional baseado em um controle eficaz sobre a lealdade de todos aqueles para quem a proteção do segredo foi confiada.

Em um caso característico da tríade simmeliana (Simmel, 2013) um entrevistado²⁰ narra o drama vivido entre dois parceiros de uma relação de amizade, onde um dos parceiros era, segundo o outro amigo, mais amigo do entrevistado do que do outro relacional. Essa descoberta, quando revelada pelo amigo, foi motivo de desgaste e muita negociação, já que começou a gerar atritos e ciúmes e sentimento de traição daquele que se considerava não ter a mesma proximidade com o outro amigo do que o outro amigo tinha com o entrevistado. Segundo o entrevistado,

“Não adiantava eu dizer pra ele que os dois detinham a mesma confiança minha, e de que ele era tão meu amigo como X era. E que X confiava e gostava tanto dele quanto de mim, de forma igual, e que não tinha

²⁰Entrevistado masculino, dono de um bar da moda na época da entrevista, 55 anos, residente na cidade do Recife, Pernambuco. Fala de uma longa amizade de três amigos que terminou “minando” quando um deles começou a reclamar que ele dava mais atenção ao outro amigo, aqui retratado como X e exigindo do entrevistado provas e mais provas de confiança e lealdade. Esse processo acabou desfazendo os vínculos que os unia e descaracterizando a relação até o ponto de todos se afastarem uns dos outros.

porque ele se sentir deslocado na relação. Mas a coisa complicava e complicava cada vez mais, dia a dia. Eu tinha que rebolar para contornar as situações por ele armadas ou arranjadas: queria a minha dedicação quase total a ele, quando saíamos os três juntos, qualquer coisa que X dizia ele se sentia ofendido, interpretando que era com ele e queria que eu tomasse uma posição... Depois queria que eu permanecesse com ele para explicar porque eu dava ouvido para X, que isso não era coisa de amigo, cadê minha lealdade... e coisa por aí... Eu sei que foi um período duro que nós três vivemos por causa de uma idiotice de um que abalou a relação entre os três... Terminou X se afastando da relação, por que se achou demais... e ele ficando mais e mais obsessivo sobre a minha conduta em relação a ele, com exigências que iam além do que as que marido e mulher fazem um ao outro depois de um tempo de casamento... Aí, numa discussão, eu disse que ele tinha razão e que a gente tinha mais era que se afastar um do outro, dá um tempo, esfriar... sabe né... Ele chorou, disse que já desconfiava de que eu já não era o amigo dele, mas estava certo... era assim mesmo... E foi embora. Depois de uma semana telefonei pra ele, mas ele não atendeu... nunca mais nos falamos..."

Esta montagem relacional cria para si um campo de vulnerabilidade, seguindo de perto a análise goffmaniana, ao basear as relações entre os parceiros em um processo de lealdade quase que absoluto. O que coloca todos os envolvidos no processo como indivíduos sujeitos a uma ação possível de ser considerada de traição.

Como no poema *Da Descrição*, de onde, ironicamente e com um pouco de sarcasmo, Mario Quintana (1951) aconselha: "Não te abras com teu amigo / Que ele um outro amigo tem. / E o amigo do teu amigo / Possui amigos também...". A confiança, assim, elo básico de montagem de uma amizade, se vê fragmentada em possibilidades várias de presumíveis calúnias, embustes, mentiras, deslealdades, infidelidades, falsidades e perfídias.

O amigo, de acordo com Alberoni (1993), o verdadeiro amigo é alguém sempre predisposto a compreender o outro da relação. É alguém a quem se pode usar como confidente, em quem se pode confiar. É esse *outro* que deve estar sempre ao lado do amigo, que lhe faz justiça, que o defende de situações embaraçosas, que o ampara.

Como corroborou um informante²¹ "chega uma hora, que se compreende que o amigo verdadeiro, mas verdadeiro de verdade, vai estar com você, ao seu lado, te ajudando, te aconselhando, mesmo quando você menos merecer, e aí, quando isso não acontece, aí a gente fica triste, magoado, mas não tem mais o que fazer... né?". Para Al-

²¹ Entrevistado masculino, já citado acima, na nota 2.

beroni, assim, o amigo verdadeiro é esse ser idealizado ativo, firme e conforme ao *outro* relacional, sempre propenso a ajudar, a estar junto. O que Goffman poderia complementar: o amigo verdadeiro é esse ser idealizado em um *nós*, no entanto, visto sempre através da necessidade do outro relacional.

Em uma leitura superficial a análise de Alberoni assemelha-se a esse *outro* goffmaniano. Mas, logo se diferencia quando analisado de dentro e a partir de um vulnerável *nós* moral, singular a cada processo relacional, que Goffman constrói e atualiza a cada novo estudo.

O *nós* moral goffmaniano, predisposto e alocado no quadro moral e abstrato da sociedade, serve de fundo e de motivação à constituição do *nós* específico experimentado e construído pelos relacionais. O que gera uma troca e uma tensão contínua entre os interesses micro e macro societário, isto é, entre os indivíduos em interações singulares e a sociedade mais geral. Trocas e tensão estas que, por sua vez, impulsionam as formas de sociabilidade e as moralidades no interior de um social e de uma moral abstratas de uma dada sociedade e cultura mais ampla. Ao mesmo tempo em que dão forma, movimento e sentidos às sociabilidades e às moralidades construídas no jogo entre os agentes em interação em situações específicas, no caso, nas situações e contextos onde se produzem as relações de amizade.

Goffman, às vezes, é bom frisar, ameniza a força social deste *nós* moral singular, quando discute a noção como um conceito construído na experiência vivida pelos parceiros em situações e em cenários específicos. Situações estas, efêmeras ou não, que servem como palco e fabrico de cenários para a atuação dos agentes em relação.

Agentes estes, por seu turno, que, no desenvolvimento de suas trocas, conformam, processam, manipulam, põem em cheque e conflituam os vínculos estabelecidos nas relações por eles arquitetadas e nas relações sociais mais gerais em que se baseiam, ao mesmo tempo em que lutam por conservá-las. Ações, enfim, que possuem consequências para as relações específicas vivenciadas pelos atores e aos seus enquadramentos, societário e moral, se vistos em um todo processual mais abstrato e geral.

O *nós* moral amenizado desta forma, de acordo com a análise goffmaniana, é aquele surgido, por exemplo, de uma situação específica em um jogo relacional dado.

Esta situação, às vezes, pode dar margem a um cenário onde de uma roda de conhecidos pode se originar uma *atmosfera*, ou um *âmbito de vivências*, ou o que ele chama de um *habitat psicológico* em que, momentaneamente, os parceiros da relação parecem viver uma espécie de partilha, de comunhão, de envolvimento comum a todos (Goffman, 2012: 552).

Essa amenização deste *nós moral*, contudo, visto como um *habitat psicológico* ou como *âmbito de vivências*, ou mesmo como uma *atmosfera* criada de partilha comuns, é um caminho metodológico na análise goffmaniana que visa demonstrar situações em que, mesmo em um cenário onde se desenvolve um envolvimento em rede de partilha, os indivíduos que se encontram enlaçados e dele participam mantêm sobre os demais um controle através de um jogo de avaliações, por onde cada participante procura estimar e ponderar as ações e os passos dos outros seguintes relacionais. O que gera uma disputa e uma tensão crescente no processo experimentado.

Goffman indica esses momentos como arranjos situacionais de ação, conscientes ou não, induzidos por parceiros em uma relação estável, por meio dos quais a esfera moral comum gerada no âmbito de vivências ou no habitat psicológico da experiência relacional serve como uma maneira de lavagem de roupa suja entre os membros. Facilitando vir à tona, tornando visível e passível de se trabalhar, vulnerabilidades específicas de enquadramento moral e social sobre os quais se assenta a relação²².

A amizade, em Goffman, contudo, é ainda mais complexa e pode ser vista através da tensão e da vulnerabilidade trazida pelo enquadramento frágil porque baseado em pequenas ideias do outro que se afirma como amigo. A amizade, assim, é uma relação amorosa com enquadramento moral, através do qual os indivíduos nela envolvidos jogam cada qual um papel. Uma posição de onde e através da qual cobram situações, presenças e resultados do outro ou dos outros da relação por meio de um olhar idealizado ou maroto, mas de onde também são cobrados, de forma semelhante ou com maior ou menor força.

²²Goffman (2011: 142- 255) chama a atenção, também, para jogos situacionais passageiros, em cujas regras se encontram a descoberta das estratégias dos outros relacionais como avaliação, sem que haja uma vivência para além da própria situação, como em um jogo de pôquer, por exemplo. As formas de avaliação dos demais parceiros fazem partes, neste caso, das regras do enquadramento em cujo cenário se desenvolve o pôquer.

Pode-se assim pensar a relação amorosa em Goffman como um jogo de demonstra-esconde, por onde se constrói a confiança. Confiança vista como fundamento dos vínculos e base da relação amiga e amorosa, mas também, como rede frágil de onde emerge vez ou outra a tensão, sempre presente, de uma traição possível e do confiar desconfiante em que se situa e se mantêm, em uma balança instável - no dizer eliasiano (Elias, 1994), - os vínculos entre os amigos.

A amizade para Alberoni (1991) também é uma forma de amor. Mas, um amor moral, como ele a situa. A partir desta situação, surge a sua definição de amizade como a forma ética do Eros (Alberoni, 1991, 1993), que diferencia a relação amorosa do amor amigo, da outra relação amorosa do amor sexualizado. Ambas as formas de amor, contudo, construídas através do peso moral depositado no ato de confiar no outro.

Por conseguinte, se o amigo trai a confiança do outro relacional, a amizade tende a esmorecer e, para ele, jamais pode ser restaurada. Como pode ser sentido na música de Herivelto Martins em parceria com David Nasser, lançada na voz de Nelson Gonçalves em 1958, *'Atirastes uma pedra'*.

Nesta canção a traição ao amigo é analisada através da mágoa pela ferida que vitimou uma das partes da relação. A quebra da confiança é vista através do ato de atirar "uma pedra", pedra dirigida ao "peito de quem só te fez tanto bem" *quebrando um telhado*, que fez a quem atirou a pedra "perder um abrigo" e *ferir o amigo*. Ação danosa, que conseguiu a instância de magoar quem das magoas o livrou, e como consequência deste gesto traiçoeiro, o fazendo quebrar o telhado que nas noites de frio servia de abrigo, e, por fim, perder o amigo, aquele amigo verdadeiro, idealizado no enquadramento moral da relação "que os teus erros não viu e o teu pranto enxugou". Todo esforço na direção de uma remontagem se faz, então, à sombra projetada da traição, ou da dúvida da verdade alcançada na negociação que movimenta o ato da reconstrução dos vínculos esgarçados.

Dúvida de ambos os lados, porém: de quem se sentiu traído e de quem foi objeto e alvo de uma acusação de traição. O que foi traído, onde e como essa acusação de traição se constrói, como o parceiro da relação pode acusar alguém que se esforça ao máximo para a manutenção deste vínculo especial que é esta amizade? Até onde se

pode confiar em uma relação que sem motivo aparente acusa? E, do outro lado, como se pode confiar em uma relação que a todo tempo elenca motivos que levam a pensar em traição?

Dos dois lados da relação se configura a angústia de sentir o esgarçamento da relação e as questões lançadas para o si mesmo por cada um relacional, como as clássicas: até onde posso confiar o *meu* íntimo, os *meus* projetos, as *minhas* expectativas, os meus medos, as *minhas* conquistas a esse outro idealizado, se esse outro me trai, ou se esse outro *me* acusa a todo o momento e sem qualquer motivo de traição? Que relação de confiança é essa onde apenas um (eu) tenho que ser fiel ou mostrar o tempo todo fidelidade? E se as desculpas desse outro relacional forem falsas, e se as acusações desse outro relacional forem apenas um encobrimento de sua traição? E, de ambos os lados, se esse outro me quiser apenas como instrumento para galgar posições, ou me tirar do páreo em disputas específicas ou gerais? As amizades na visão dos entrevistados aqui dispostos na análise são vistas no hoje, na época contemporânea, como tendo mais dificuldade de vingar. Bem mais do que em épocas anteriores, no Brasil dos anos de 1950 e 1960, quando os aspectos relacionais eram mais evidentes e a personalidade mais intensa.

Em uma época em que a individualidade emerge e em que as relações são movidas mais pela concorrência e pelo individualismo mercantil, a falta de tempo, o medo cotidiano de se abrir ao outro com medo de sua utilização por esse outro, seja no campo afetivo, profissional ou das relações sociais mais gerais assume um papel importante nas reconfigurações por que passa a confiança em uma conformação de amizade. Mas, de forma concomitante, mais se espera e se advoga e se celebra a ideia de amizade e de se possuir amigos. A ambiguidade entre querer possuir alguém e o estar aberto para esse alguém floresce nas interações entre as pessoas, dificultando o ser e tornar-se amigo.

Não que haja uma balança onde quanto mais pessoalizadas forem as formas de sociabilidade mais profundas são as relações entre amigos e quanto mais modernas e contemporâneas forem as sociabilidades mais superficiais se tornem essas relações. Essas polaridades, encontradas nas análises de Bauman (1999), por exemplo, obscurecem o entendimento do processo de como se conformam as amizades e suas vulnerabilida-

des no mundo ocidental contemporâneo. O que parece haver, assim, é uma busca de um maior compromisso sobre o confiar nas relações. Já que, seguindo Giddens (1991, 2002), a noção de confiança se torna uma arma poderosa nas relações entre os homens e entre os homens e as coisas, e o medo de errar na aposta do que, do como e do quanto confiar no outro se torna ou pode vir a tornar-se um dos mecanismos de defesa de se projetar no outro, embora este outro seja ansiado e desejado com intensidade.

O ato de e para se tornar amigo fica mais sujeito às vulnerabilidades da experiência, seguindo Goffman (2012: 534) de perto. De acordo com a análise goffmaniana (2012: 542), onde quer que um processo social de interação estipule que a vida de um indivíduo venha a ser moldada ou determinada por uma avaliação permanente sobre ele, e que esta funcione como um dispositivo de classificação - no caso, em uma espécie de balança confiança e desconfiança, ou na busca de ser querido e aceito e nas possibilidades de traição e ações mesquinhas, - este processo interacional se encontra sujeito a erros crassos e fatais.

Para Goffman (2012: 542), assim "o poder de impor uma linha de conduta parece necessariamente relacionado (às) vulnerabilidades do enquadramento". Os amigos, ou as amigadas, no processo crescente de individualização da sociabilidade contemporânea, e do sempre a espreitar do individualismo, se submete e está sempre à espreita com e sobre as vulnerabilidades do enquadrar-se, isto é, do processo de confiança desconfiando e de desconfiar confiando que fundamenta o ser ambíguo e ambivalente no encontro com o outro.

Cada aproximação, cada abertura ao outro, pode criar situações de vida, mas, de forma concomitante, estas mesmas situações de vida geradas no encontro pode, a qualquer momento, sem motivos aparentes, ou por qualquer insinuação feita e não de todo ou mal entendida pelo outro relacional, vir a ser desacreditadas através e pela própria experiência do encontro, do se deixar possuir pelo outro e de possuí-lo. Formas de classificação e de poder sobre o outro e sobre si, fundamentado em séries de regras de conduta e de determinações morais, que invadem o outro na busca de enquadrá-lo aos padrões gerados na experiência [e nas expectativas] relacionais, ao mesmo tempo em que se sente vitimado pela ação do outro de enquadre nas mesmas experiências

morais sob a ótica de avaliação desse outro da relação.

Vencer esses obstáculos e as ambiguidades de chegar-se ao outro é o desafio permanente do manter-se amigo nas situações de envolvimento e receio contemporâneos. O possuir uma amizade ou possuir amigos se estabelece, então, como uma ação projetiva de encontro com um outro relacional, onde a partilha e a confiança parecem fortalecer os vínculos entre os parceiros da interação. Essa ação projetiva de encontro acontece, assim, ao mesmo tempo, recheada de enquadres morais e de vulnerabilidades na troca interpretativa desses mesmos enquadramentos, construídos ou montados no processo de experiência entre os relacionais que se aventuram ao encontro, à entrega ao outro como amigos.

De um lado, o encontro, a construção da amizade, aparece como um processo intenso emocional envolvendo dois ou mais indivíduos. Nele e através dele se desenvolve um sentimento de compartilhamento, de solidariedade, de complementação que o outro oferece, que um outro aceita, que ambos se submetem, ampliando, desse modo, as margens da solidez entre os agora amigos.

Este mesmo processo de vir ao encontro do outro, de se deixar penetrar em sua mais recôndita intimidade, contudo, também provoca situações e contextos onde a negociação se faz cotidiana. Situações e contextos por onde as trocas aparecem como desiguais e as dedicações vistas como maiores ou menores em relação à do outro, e por onde as mágoas se formam explícitas e, principalmente, implícitas, no dia a dia, a cada hora, a todo minuto, e segundo-a-segundo. De onde, igualmente, cada pensamento em falso é diagnosticado na intensidade causada no outro, mas também no sentimento de prisão objetivada através dele.

3. Notas Finais

O espaço apertado da negociação se desenvolve nestes contextos e situações demasiadamente tensos, doloridos e magoados. Neste espaço limitado e estreito de explicação permanente ao outro, - em sua suspeição e, de forma simultânea, de sua suspeição ao outro, dos medos da perda, de ser mal entendido, de nunca corresponder ao enquadre e a avaliação do outro e vice-versa, do compartilhar uma experiência co-

mum e dos enquadramentos nele gerados e das formas buscadas para escapar às classificações e acusações ou suspeitas do relacional, e de prender o outro neste mesmo processo de desconfiança, confiando, de enquadramento e classificações, que buscam retirar a individualidade deste outro, em prol de um nós construído como enquadre, - se situa a ação de negociar. Ação esta sempre tensa, vulnerável, ambígua, porém, necessária.

O eu e o outro em processo interacional de amizade ou em prol da manutenção de um processo de amizade em que se encontram envolvidos, se veem, destarte, em movimentos continuados de busca e de demonstração de afeto, de afirmação e procura de ser afirmado naquilo que acham ser confiável em suas interpretações do enquadre construído no nós relacional. Interpretações do enquadramento por eles moldados na relação sobre o que consideram ser lealdade na relação, ou em como o outro se comporta nas expectativas do si e quais as expectativas do si sobre o outro.

O que leva a uma tensão crescente e, às vezes, insuportável, chegando a provocar rupturas, depressão e, até mesmo, a morte. Um olhar enviesado e sem querer (ou querendo, como diria Chaves²³), uma interpretação de um gesto como uma ação suspeita, possibilitam ou levam os envolvidos a um jogo tensional de estreita necessidade de explicação, de intensa culpa, de suspeição quase que paranoica, por onde se desenvolve a possibilidade de negociação. Qualquer ação precisa ser explicada, precisa ser entendida, precisa ser, mais uma vez, afirmada perante a suspeição levantada, para acalmar e para a continuidade das relações entre os amigos. O que causa mágoas ou amplia a margem de segredos e campos vazios na relação.

Provoca também sentimentos confusos sobre o pertencer na relação, às margens de liberdade, o que se ganha e o que se perde em continuar nela ou dela sair. Projetos comuns, caminhos comuns, sentimentos comuns, construídos a cada novo momento da solidificação de uma amizade, assim, não são processos à toa, mas caminhar. Passos através dos quais os movimentos, ao mesmo tempo em que agem em direção a um maior entrelaçamento dos envolvidos, também agem no sentido de uma vigilância dos parceiros e da própria ação de compartilhamento. Ciúmes, medos, receios, marcham

²³ Personagem de um seriado infantil mexicano que fez sucesso na televisão brasileira dos anos de 1980 com seu jeito quase antropofágico de ser.

junto com o amor, os afetos, o compartilhamento, em um viver em comum, como amigo.

Daí que ser amigo é uma arte de negociação, de paciência, e de vencer a cada instante o medo de se sentir traído, roubado e exposto aos outros, mesmo junto àqueles que já se tem confiança. Comum se ouvir em uma pequena desavença entre amigos e parceiros: 'pensei conhecer você, mas vi que não o conhecia!', presente em quase todas as narrativas dos entrevistados. Frase que envolve um desalento e que pode provocar discussões, ressignificações, novas negociações. Frase que também pode provocar dissensões, conflitos, rupturas, finalizações, ou mesmo a morte, não só da amizade, mas, também, do outro até então considerado amigo.

Referências

- ALBERONI, Francesco 1991. Enamoramento e amor. São Paulo: Círculo do Livro.
- ALBERONI, Francesco. 1993. A amizade. São Paulo: Rocco.
- BARTHES, Roland. 1989. Fragmentos de um Discurso Amoroso. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- BENZAQUEN DE Araújo, Ricardo; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1977. "Romeu e Julieta e a origem do Estado". In: Gilberto Velho (Org.). Arte e Sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, p. 130-169.
- BAUMAN, Zygmund. 1999. Modernidade e ambivalência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. (1986), "De amigos formais e pessoas; de companheiros, espelhos e identidades", In: Manuela Carneiro da Cunha (Org.). Antropologia do Brasil. Mito, história, etnicidade, São Paulo, Brasiliense/Edusp, p. 53-62.
- DUMONT, Louis. 1992. O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco.
- ELIAS, Norbert. 1994. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GIANNOTTI, José Arthur. 1993. "Sobre a amizade". Discurso, (22): 183-196.
- GIDDENS, Anthony. 1991. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora UNESP.
- GIDDENS, Anthony. 2002. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GOETHE, Wolfgang Johan Von. 2006. O sofrimento do jovem Werther. São Paulo: Hedra.
- GOFFMAN, Erving. 2011. "Onde a ação está". In: Rituais de interação. Ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, p. 142-155.
- GOFFMAN, Erving. 2012. Os quadros da experiência social. Petrópolis: Vozes.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2002. "Medos corriqueiros: em busca de uma apro-

ximação metodológica”. *Cronos*, 3(1): 94-101.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2014. *Estilos de vida e individualidade: escritos em antropologia e sociologia das emoções*. Curitiba: Appris.

LÁZARO, André. 1997. *Amor: do mito ao mercado*. Petrópolis: Vozes.

LOBATO, Josefina Pimenta. 2012. *Antropologia do amor: do Oriente ao Ocidente*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.

MEAD, George. 1934. *Mind, Self and Society*. Chicago: University of Chicago Press.

OLIVEIRA, Ana Carolina Amorim. 2008. *Ritos, corpos e intermedialidade: análise das práticas de resguardos de proteção entre os Ramkokamekra/Canela*. Dissertação. Recife: PPGA-UFPE.

QUINTANA, Mário. 1951. *Espelho mágico*. Porto Alegre: Globo.

REZENDE, Claudia Barcellos. 2002. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: FGV.

SIMMEL, Georg. 2013. “A Tríade”. In: Maria Claudia Coelho [Org.]. *Estudos sobre interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 45-74.

SIMMEL, Georg. 2004. *Fidelidade e gratidão e outros textos*. Lisboa: Relógio d'água.

SIMMEL, Georg. 2003. “Fidelidade: Uma tentativa de análise sócio-psicológica”, *RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 2(6): 513-519, Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/rbse.html>. Acesso em 02.01.2015.

SIMMEL, Georg. 1988. *Sobre la aventura*. Barcelona: Península.

SIMMEL, Georg. 1950. “The secrecy”. In: Kurt H. Wolff (org.), *The Sociology of Georg Simmel*. New York: Free Press, p. 330-344.

SIMMEL, Georg. 1939. *Sociología. Estudios sobre las Formas de Socialización*. Buenos Aires: Espasa-Calpe.